

Levy propõe simplificar negociação da dívida externa

O deputado federal e presidente do Conselho de Administração do Banco Itaú, Herbert Levy (foto), defendeu a simplificação dos mecanismos de negociação da dívida externa brasileira, em especial no que diz respeito aos juros, enquanto não se define a renegociação ampla, indispensável, em sua opinião, para o reequilíbrio econômico do País.



nos por trás deles", recordando que foram criados "para manter condições normais e equitativas entre as economias nacionais", mas "nada fizeram para corrigir uma anomalia gritante, que teria de levar um grupo grande de nações à insolvência".

Sugestões

Duas foram as sugestões principais de Herbert Levy:

1) definir que cada banco cobrirá com recursos próprios os juros credores, até 1984, ficando os recursos do FMI e outros para atender aos atrasados;

2) estabelecer uma conta clearing para o comércio exterior, na qual seriam creditadas, a partir de 1º de janeiro, todas as importâncias relativas às exportações brasileiras, e debitadas as referentes às importações, exceção para os acordos bilaterais já objeto de compensação.

Levy estima que o saldo da balança comercial garantiria o êxito da conta, que atenderia ainda às necessidades da balança de serviços, estimadas em US\$ 4,5 bilhões. "O saldo em 84 poderá chegar a US\$ 8 bilhões com o aumento da exportação de soja e a redução da importação de óleo, e a sobra poderia ser rateada entre os credores."

Política doméstica

Levy revelou que os banqueiros externos manifestaram preocupação com a recusa do Congresso em aprovar o Decreto-Lei nº 2.045, e ainda com a situação social e as notícias de saques.

— Ao regressar ao Brasil, verifico, com pesar, que o governo parece não ter tomado conhecimento da gravidade da crise social — disse ainda o deputado. (Levy declarou ter proposto ao ministro-chefe da Casa Civil, Leitão de Abreu, reduzir em somente 10% do INPC os aumentos salariais, e criando com esse diferencial um Fundo de Alívio ao Desemprego, que deveria dar, segundo seus cálculos, Cr\$ 5,5 trilhões por ano. "Ou seja, daria pelo menos para matar a fome dos desempregados e seus familiares.")

— Temos que deixar de lado mecanismos extremamente complicados e substituí-los por um processo racional, simples, no qual cada banco credor se declara ou não disposto a converter os juros em novos créditos — declarou Levy em entrevista coletiva ontem pela manhã, em sua residência.

O deputado federal pelo PDS, que esteve em Londres para o lançamento da edição em língua inglesa da Gazeta Mercantil, jornal que também preside, declarou ter-se encontrado, naquela capital e também nos Estados Unidos, com banqueiros de todo o mundo, que manifestaram "a mesma acolhida compreensiva para a posição do Brasil". Segundo Levy, o País perdeu US\$ 50 bilhões nos últimos anos com o efeito conjugado das crises do petróleo e do aumento dos juros, sob a influência direta da política monetária norte-americana, da qual resultou uma elevação de 6,25% para até 20,45% ao ano na prime-rate (taxa preferencial bancária).

— O Brasil é muito mais vítima do que réu — disse o presidente do Conselho de Administração do Itaú. Vítima primeiro da profunda deterioração dos termos de troca que atingiram cerca de cem nações em desenvolvimento e sobretudo o Brasil, por ser grande importador de petróleo. As proporções da perda de capacidade de troca poderiam ser melhor apreciadas pelo fato de que o produto de exportação brasileiro que mais subiu de preço, nos anos 1975/82, foi o minério de ferro, 125%, ao passo que o petróleo subiu no mesmo período 1.350%".

Levy condenou ainda os organismos como o FMI, as Nações Unidas e o Banco Mundial, "e os gover-